

INTRODUÇÃO AO ENSAIO
Inventário naturalista em *Casa de Pensão*

“Faço sempre o que há de melhor em mim para dizer o que está no meu coração, sincera e claramente. Conheço uma só regra: ser claro. Se não falo claramente, todo o mundo rui.”

Stendhal

“Escolhi personagens soberanamente dominadas pelos nervos e pelo sangue, desprovidas de livre arbítrio, arrastadas a cada ato de sua vida pelas fatalidades da própria carne.”

Émile Zola

“Porque a nova poética é isto, e só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha.”

Machado de Assis

“Que maior glória podia haver, então para um autor novel, do que, à fiúza de ciência, inverter o papel histórico do homem fazendo-o regressar à besta?”

Araripe Júnior

INTRODUÇÃO

A Era helenística marcou profundamente a civilização ocidental desde o seu tempo até o século atual. Ao longo das evoluções, várias formas de enunciações estéticas foram reestruturadas, e sendo buscadas, em suas expressões de arte, o *leitmotiv* para os afazeres literários dos escritores. Postulemos alguns exemplos disto e iremos ter à nossa frente a influência de Era tão transcendental e borbulhante de idéias: embarguemos em um navio, época das Grandes Navegações, e teremos *Os Lusíadas* de Camões com seus seres mitológicos greco-romanos. Está certo que a importância deste livro situa-se no âmago das descrições dos fatos heróicos de um povo e menos nas caracterizações de seres mitológicos antropomorfizados por grande escritor, mas, também, temos que aceitar o fato de que sem esses personagens extraordinários o livro seria definido como simples descrições de fatos históricos de uma nação e não como uma epopéia de grande efeito. Outro exemplo que pode explicar a assertiva precedente encontra-se alguns séculos adiante com *Ulisses* de James Joyce que pede de empréstimo o enunciado da *Odisséia* de Homero. Além desses exemplos singulares, temos outros mais generalizantes, em que uma época inteira ou uma forma de expressão literária retoma os valores greco-romanos.

Na época helenística havia alguns gêneros (que, já existentes, foram reformados e influenciados pela retórica, tão comum ao momento) e as leis que os regiam eram ilustradas pelas obras-primas. Porém, os próprios antigos não dominavam perfeitamente os sistemas de definições teóricas que regiam este sistema dos gêneros.¹ Decerto que isso não ocorreu, pois até mesmo os seus epígonos não teorizaram a respeito deles. Isso

só se deu no século passado ao nosso, quando as transformações dos gêneros, que desde a Era helenística vinham se acentuando, chegaram a um estágio de formação e predominância do romanesco, que subordinou os outros gêneros os quais tenderam a “romancizarem”.²

Os teóricos do romance encontram-se, principalmente, nos nomes de Mikhail Bakhtin e Georg Lukács. Eles conseguiram, cada um com sua linha metodológica, sistematizar e dar coesão aos princípios de uma doutrina do gênero romanesco. O que nos interessa aqui é expor algumas definições de cada um deles, mas sem fugir ao que iremos propor neste ensaio que tentará primar pelo cientificismo acadêmico em detrimento ao cientificismo diletante tão em voga na segunda metade do século XIX.

Bakhtin com sua abordagem metalinguística e dialogista em torno das formas do romance tinha a noção exata da influência da História perante o gênero romanesco que, segundo ele, o nascimento e a formação deste realizam-se sob a plena luz da História.³ E disse mais: “O romance, enquanto gênero, desde o início se constituiu e se desenvolveu no solo de uma nova sensibilidade em relação ao tempo.”⁴ Lukács, embora com abordagem peculiar, vê este gênero influenciado pela História, mas intimamente ligado a ela. Ele enfatiza a aproximação existente entre as manifestações das narrativas do gênero e a realidade factual e faz sua justificação, numa relação simbiótica, considerando o romanesco como um desdobramento prosaico e tardio dos gêneros clássicos em que o trágico seria a tese da equação, o drama ocuparia a função de antítese na dialética dos gêneros e o romance superaria as etapas e representaria a síntese da dialética dos gêneros, numa tentativa de inscrevê-lo como produto de manifestações

¹ GAILLARD, Jacques. *Introdução à literatura latina*. Pgs. 27-28.

² BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. Pg. 399.

³ Pg. 397.

⁴ Pgs. 426/427.

dramáticas, sabidamente caracterizadas, dentro da tradição poética, como representações de ações humanas.⁵

À maneira naturalista, direta e objetiva, fecharemos esta introdução dizendo que o referente ensaio abordará uma época, situada nos finais do século XIX, que teve como forma de expressão literária o Naturalismo. Diremos, no molde bakhtiniano, que o romance *Casa de Pensão* “constituiu e se desenvolveu” através de uma “nova sensibilidade” comum à época: o Naturalismo. Será que esta expressão literária pós-romântica teve alguma influência da História? Diríamos que *Casa de Pensão* inscrevese como “produto de manifestações dramáticas” propulsoras de “representações de ações humanas”? Aquela pergunta fica para o rol das páginas futuras, mas esta seria respondida com o “sim” e com o “não”. Não, se tivermos em mente a forma canônica do romance metafísico, subjetivo, em que seria mais fácil termos, através de movimentos psicossociais dos personagens, manifestações dramáticas de ações humanas. Sim, se formos direcionados pelas descrições fisiológicas dos humanos, que são verdadeiros dramas sociais, mas sem tomarmos o termo “ações humanas” no sentido lícito da palavra, pois se assim for, teríamos associações contrastantes entre seres vivos (racionais X irracionais) em que seria melhor o termo “representações de ações humanas de humanos bestializados”.

O presente ensaio pretende analisar o livro *Casa de Pensão* de Aluísio Azevedo com suas nuances naturalistas. Tentaremos seguir um método sincrônico e teremos como tarefa demonstrar, ao longo do livro, algumas características que constituíam a essência do narrar e descrever da época, claro que seguindo as trilhas do livro e sempre tomando o processo de *estruturação* (elementos da realidade externa se tornam forças ordenadoras internas à obra artística) como método analítico, apesar da ideologia e

⁵ SANTOS, Pedro Brum. *Teorias do romance*.

intenções do autor naturalista tomarem dimensões unilaterais, ou seja, sempre direcionadas e ordenadoras de uma única forma de interpretação.

Os nomes e demais dados dos livros de críticos citados estarão no final do ensaio, na Bibliografia Consultada. As citações do livro *Casa de Pensão* serão retiradas de um volume da Livraria e Editora Waldré Ltda, também explicitado na Bibliografia.